

Comparações inevitáveis a partir do "educador" Antonio Gramsci

Josuel Stenio P. Ribeiro
Leandro Rosa Rodrigues
Anie Carline Paixão

Como citar: RIBEIRO, J. P.; RODRIGUES, L. R.; PAIXÃO, A. C. Comparações inevitáveis a partir do "educador" Antonio Gramsci. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci:** os 70 anos da morte de Gramsci. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 281-284. DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p281-284>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Comparações inevitáveis a parti do “educador” Antonio Gramsci

Josuel Stenio P. Riberio*

Leandro Rosa Rodrigues*

Anie Caroline Paixão*

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que consiste em análise de teses e discussões de obras de Gramsci sobre a questão meridional. É bem verdade que se formos compreender Gramsci é preciso antes interpretar a época referente e suas complicações, nesse sentido também se torna interessante desde já colocar que embora exista algumas particularidades que diferenciam o nordeste brasileiro do Sul da Itália, ainda assim existem semelhanças, e que mesmo o tempo não fizeram com que as mesmas deixassem de ser tão fortes.

Embora o texto tenha ficado inacabado por causa de sua prisão, *“Alguns temas da questão meridional”* fora o mais importante de seus textos sobre a questão meridional, Gramsci nos deixou uma enorme contribuição com o mesmo, sendo, que além de ser ainda muito atual se confunde com a realidade brasileira.

Para Gramsci a burguesia setentrional subjugou a Itália meridional, reduzindo a colônia de exploração, assim, para ele os bancos e o industrialismo parasitário do Norte “escravizavam” o camponês do Sul. No entanto, aqui no Brasil há apenas uma inversão, onde o Norte é explorado pelo Sul. O intelectual do Sul da Itália e do Norte do Brasil é o burguês rural que forja uma educação que tende a uma naturalização da ordem vigente, então, pensa Gramsci em uma emancipação do camponês e do proletariado através da educação e aliança entre si, ele vê no intelectual orgânico advindo do proletariado e do camponês a possibilidade de mudar a história futura.

A região do Sul da Itália tomou-se um “grande problema” com a unificação da mesma, pois, por ser uma região pobre dificultava os crescimentos sociais, econômicos e político, estes são os argumentos de alguns historiadores mais desavisados, vez que, se mostra falso quando efetuada uma análise mais rigorosa.

Na verdade a questão agrária era “geográfica”, mas no entanto o tema central da “questão meridional” era a questão dos intelectuais, ou seja, as relações dos intelectuais com a massa; no sul a massa camponesa estava “as traças” em detrimento de uma pequena burguesia rural que forma os intelectuais daquele espaço.

Daí, as junções de algumas questões como a social, a política, a econômica e até mesmo a geográfica deram arcabouço para a criação de algo maior, ou seja, a questão meridional como um todo, pois, estes elementos mencionados corroboram para uma identificação da

* Universidade Estadual Paulista - UNESP/ CNPq - jo@marilia.unesp.br, hidro@marilia.unesp.br, anie_604@yahoo.com.br

região sul da Itália; verificamos nesse momento mais que igualdades comparativas com o nordeste brasileiro, o que temos são os mesmos objetivos de dominação endossados pelas mesmas causas geográficas, políticas, sociais e econômicas, se quiséssemos talvez poderíamos "simplificar" a ordem dos fatores e dizer que são questões todas de cunho econômico no campo do real.

Temos no nordeste uma grande quantidade de pessoas que são como um todo, uma massa, desprovida de recursos advindos pelo capital, assim, como havia a grande massa camponesa no sul da Itália, sendo que as semelhanças não acabam nessa instância, vez que, os intelectuais de lá também tinham a mesma origem que os intelectuais daqui, sendo eles originários dos grandes proprietários, que por si só já são outra semelhança entre o nordeste brasileiro e o sul da Itália que Gramsci escreve com tanta perspicácia, lá assim como aqui, política, a ordem religiosa, e a educação estão nas mãos dos mais abastados que vivem em detrimento do povo.

Ainda temos que, se lá na Itália existia uma política protecionista em relação ao Norte, aqui no Brasil existe uma política extremamente protecionista do sul industrial em detrimento do nordeste agrícola, e isso ocorre por diversos motivos, sendo alguns deles a manutenção do poder pelos próprios representantes políticos tanto do sul (brasileiro) que tem em suas indústrias a fonte de riquezas e do político do Norte (brasileiro) que tem no latifúndio e agricultura sua fonte monetária, assim para eles não seria interessante haver a concorrência de indústrias, ou uma disseminação da agricultura familiar.

Sendo o objetivo deste trabalho compreender como se dá a semelhança do Norte do Brasil e Sul da Itália segundo Gramsci, para assim verificar as possibilidades de superação que foram indicadas por este autor que além de muito competente politicamente fora um estrategista reconhecidamente incontestável até por que ao se falar em Gramsci se tem como referências Lênin e Maquiavel.

Gramsci rompe com as interpretações mais usadas para a questão meridional e coloca uma visão nova, com determinantes ainda não pensados, pois, Gramsci não isolou o sul em uma análise de caso confinada a suas aparências, ele buscou na complexidade do Conjunto das regiões da Itália o porque do Sul menos "desenvolvido" e a quem interessava tal feito, assim ele busca uma transformação de um país como um todo para a transformação da parte meridional.

O que acontecia na Itália era duas constituições da economia, uma econômica capitalista industrial, vinculada aos indústrias do Norte e uma de poupança vinculada ao Sul, aqui no Brasil o que ocorre é a inversão do Sul e Norte.

Ao longo dos estudos sempre se coloca que a faixa meridional da Itália nunca representou uma significância para a mesma, colocando culpa no clima, no solo improdutivo e na falta de água ou ainda na falta de dinamismo da população, principalmente suas origens, vez que, na época dos impérios romanos muitos eram mandados para lá como exilados e assim por diante, nesse sentido qualquer semelhança com o Nordeste do Brasil não é mera coincidência, aqui muito se fala na indisposição ao trabalho (sobre tudo do baiano) na falta de água, no clima desfavorável e na formação étnica da população, havendo até piadas geralmente degenerativas com os mesmos, alimentando um sentimento de xenofobismo do Sul para com o Norte, no

entanto, assim como Gramsci provou está errada essas idéias em relação à Itália, também fica provado que aqui no Brasil se faz falca essas afirmações, pois, há "culturas" de plantações extremamente atapetáveis ao clima nordestino, e quanto a indisponibilidade ao trabalho deste já se provou igualmente falsa ao longo da história nacional, o etnocentrismo é por sua vez inaceitável, no entanto, não é pretensão deste trabalho tratar do etnocentrismo enquanto conceito, mas há diversas outros que tratam da questão e já deixou claro as inverdades que alimentam está prática. Então, o que temos é um país desarticulado em que as forças economicamente superiores manipulam a constituição da ordem vigente.

Outra comparação que podemos fazer com o Sul da Itália e nordeste do Brasil é que tanto lá como aqui a base da sociedade civil fora forjada em uma extrema violência, nascida da corrupção política e do clero, o que deu início a um banditismo organizado, aqui no Brasil, a história de Lampião e seu grupo de bandidos do cangaço nordestino até virou roteiro de filmes, mas mais que isso esse acontecido nos dá condição de repensar a história de formas diferentes.

Desse modo o latifúndio do norte do Brasil aumentou cada vez mais, em detrimento da pobreza da população rural.

Gramsci coloca como elemento de superação a essa dicotomia Norte-Sul a aliança do camponês ao proletariado forjando um projeto revolucionário de mudanças de concepção.

Daí a grande contribuição de Gramsci não fora (embora importante) a modificação da concepção da "questão meridional" no sentido de transformar em questão política, mas de demonstrar que não está vinculado a clima, a solo, e principalmente a questões étnicas o problema da faixa meridional, colocando as possibilidades de mudanças na perspectiva da cultura, daí, tem a educação em um âmbito privilegiado.

Gramsci tem todas suas obras dedicadas ao partido, sendo um dos maiores militantes do socialismo, em uma perspectiva revolucionaria. E como ele pensava de forma muito integrada com a educação, ele coloca que o partido é a parte "melhor" da classe operaria por que se organizam e educam as classes, assim como, são educados pelas massas, ou seja, "pela rebeldia das massas" de uma forma dialética, por isso a necessidade de auto-gestão.

Gramsci pensa como alternativa o intelectual orgânico que é esse advindo da própria massa, assim como ele, e nesse sentido a preocupação de Gramsci enquanto dirigente era educar o partido.

Gramsci ainda critica o papel do sindicato e do clérigo quando vinculado às forças capitalistas e fala das possibilidades de superação. Nossa tarefa neste presente trabalho é assim como Gramsci, pensar formas de modificar a orientação política e ideológica do proletariado e do camponês, que sofreu e sofre inconscientemente influência burguesa da escola, do jornal e etc. Para Gramsci a previsão não é objetiva, mas pode se ter uma idéia a partir do programa empregado, nesse aspecto ele se aproxima de Marx e Feuerbach. Daí salientaremos o aspecto educativo da obra de Gramsci, até por que para ele muitas "correntes" revolucionarias acreditavam que a partir da tomada do poder (como se fosse uma coisa) se organizaria uma nova ordem burocrática, mas para ele o problema é que a classe subalterna não tem pessoal qualificado, então, em um momento de crise é muito mais fácil se restabelecer a ordem dominante, ou seja, a classe dominante se apóia na burocracia, por que tem o pessoal treinado é por isso que Lênin dizia que fazer a revolução é fácil, difícil é manter a nova ordem vigente.

O que tentamos compreender neste trabalho a partir dos escritos de Gramsci é como ele direciona as possíveis soluções para a questão meridional, e o que podemos apreender é que não existe formulas que possam mudar a situação sem mexer nas estruturas, ou seja, não é isolando ainda mais o norte-nordeste brasileiro que chegaremos a um país mais equitativo. Nem mesmo levando a industrialização para lá de modo desenfreado como imaginam alguns neoliberais, o caso é muito mais grave e isso não só desestabilizaria o mundo do trabalho como submeteriam os nordestinos a condições de trabalhos ainda mais ingratas. Gramsci tem a todo o momento a revolução enquanto meta, no entanto, não se esquecendo das questões mas imediatas, então o processo já é em si uma transformação, e nesse sentido durante o processo deve haver uma reforma econômico política em que vise oferecer condições dignas de trabalho ao camponês, onde este tenha possibilidades de proximidades com a educação, para assim, poder ter de direito e de fato autonomia e liberdade o que geraria uma auto-gestão política, que seria ainda mais significativa quando integrada ao proletariado formando uma aliança camponês do norte-proletariado do sul. Considerando que os representantes surgiriam das classes trabalhadoras não se pode deixar “de lado” o papel da educação em um modelo dialético no que tange a revolução.

Aqui a nossa pretensão é pensar as teorias gramscianas trazendo para a realidade brasileira, sendo essas os nossos elementos de discussão.